

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESAS

---

Vol. XXIII

1999-2000

REVISTA PORTUGUESA  
DE  
FILOLOGIA

SEPARATA



COIMBRA

Ame Brania  
com a ajuda  
antiga de  
Delegado  
05.10.01

## A VARIAÇÃO *SER/ESTAR* E *HAVER/TER* EM 1540

### 0. Introdução

O foco deste trabalho é o uso variável dos verbos *ser* e *estar* em estruturas atributivas descritivas e locativas e dos verbos *haver* e *ter* em estruturas possessivas na chamada “obra pedagógica” do polígrafo quinhentista João de Barros, que é constituída da *Gramática da língua portuguesa*, seguida da *Ortografia*, do *Diálogo em louvor da nossa linguagem* e do *Diálogo da viciosa vergonha*.

Utilizarei a edição desse conjunto de textos realizada por Maria Leonor C. Buescu(1).

O material linguístico que será aqui analisado faz parte de um projecto individual, sob minha responsabilidade, um dos projectos iniciais do “Programa para a história da língua portuguesa - PROHPOR”, intitulado “Relações semântico-sintáticas entre *ser*, *estar*, *haver* e *ter* no português arcaico: variação e mudança”, ainda não concluído, que tem por objectivo apresentar o uso desses verbos no período arcaico do português, a partir de documentação do século XIII aos meados do século XVI(2);

---

(1) MARIA LEONOR C. BUESCU, *Gramática da língua portuguesa. Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha*. Lisboa (Faculdade de Letras), 1971.

(2) O *corpus* seriado do século XIII aos meados do séc. XVI se compõe da seguinte documentação: **séc. XIII**: *Testamento de Afonso II, Foro Real, Cantigas de Santa Maria* e a documentação notarial editada por Clarinda de Azevedo Maia (in: *História do galego-português. Estado linguístico da*

e também faz parte do projecto colectivo do PROHPOR, “A língua portuguesa do período arcaico para o moderno”, em que, em documentação dos meados do século XVI, da segunda metade desse século e do século XVII, analisar-se-ão tópicos seleccionados da morfossintaxe e da sintaxe dessa fase em confronto com os dados do período arcaico.

Entre os tópicos focalizados está o acima referido, ou seja, o uso de *ser*, *estar*, *haver* e *ter* na documentação quinhentista e seiscentista escolhida(1).

Em ambos os projectos referidos a “obra pedagógica” de João de Barros, impressa em 1540, é parte do *corpus* por razão que já expressei em outros trabalhos(2) e que aqui retomo brevemente.

Enquanto não se chegue a determinar, com base em factos linguísticos, a delimitação do período arcaico, antigo ou medieval e os inícios do período moderno, chamado de clássico por muitos autores, podemos admitir, como hipótese de trabalho, que muitas das características do período arcaico se estendem até os meados do século XVI e algumas até depois.

Seguindo-se dois dos maiores estudiosos da história da língua portuguesa – José Leite de Vasconcelos e Luís Filipe

---

*Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1ª ed., 1986); **séc. XIV**: *Livro das aves, Diálogos de São Gregório, Orto do Esposo*; **séc. XV**: *Crónica de D. Pedro, Vidas de Santos, Vida e Paixão dos Apóstolos, Vida e feitos de Júlio César*; **séc. XVI**: *Carta do achamento do Brasil* de Pero Vaz de Caminha, a “obra pedagógica” de João de Barros, décadas da *Ásia* de João de Barros.

(1) Documentação quinhentista (**séc. XVI**): a “obra pedagógica” de João de Barros, décadas da *Ásia* de João de Barros, *Cartas* da corte de D. João III; documentação seiscentista (**séc. XVII**): as “*Cartas brasileiras*” de António Vieira, o *Sermão da Sexagésima* e os *Sermões da quarta-feira de Cinzas*, também de Vieira.

(2) ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA, *O português arcaico: fonologia*. São Paulo/Salvador (Editora Contexto/CED-UFBa.), 1991, p. 15-20; IDEM, *Para uma caracterização do período arcaico do português*. In: D.E.L.T.A., r. 10 (n.º especial), 1994, p. 24-276.

Lindley Cintra – pode-se utilizar 1536/1540 como momento charneira do período arcaico para o moderno, já que é nessa altura que se começam a explicitar propostas de normatização do português, a de Fernão de Oliveira e a de João de Barros, este último, sem dúvida, o primeiro gramático prescritivista ou normativo do português. Esse facto sociolinguístico pode assim ser utilizado para a delimitação buscada, enquanto não dispusermos de dados estritamente linguísticos, cronologicamente seriados e analisados, em função de uma delimitação intralinguística para o limite final do período arcaico.

Assim, a análise dos verbos em foco em João de Barros tem como uma de suas metas determinar em que momento da história do português deixam de ocorrer os usos próprios a esses verbos no período arcaico.

João de Barros se torna informante significativo também no sentido de permitir uma aproximação ao que deveria ser a “norma culta” de então nas realizações de um dos seus seguros usuários.

Pretendo, no futuro decorrer da pesquisa planejada, analisar ainda nesse autor a sua obra narrativa de historiador – décadas da *Ásia* – e verificar nas *Cartas* de D. João III e dos familiares de D. João III, contemporâneas a João de Barros, se o evidenciado na “obra pedagógica” se confirmará ou não, ou seja: se o uso do prescritivista, na sua obra prescritiva, coincide com seu próprio uso como narrador dos feitos dos portugueses de Quinhentos e com o uso de outros seus contemporâneos, pertencentes ao mesmo segmento social, a aristocracia portuguesa de então.

Em outras palavras, se a norma do prescritivista coincide ou não com a norma social desse segmento da sociedade portuguesa.

### 1. A variação *ser/estar* e *haver/ter*: colocando a questão na história passada do período arcaico

Nos projectos antes referidos tenho pesquisado esses quatro verbos em todas as estruturas em que podem ocorrer, tanto aquelas em que se excluem, como as que mais de um deles pode ocorrer, sendo o foco da pesquisa, contudo, estruturas em variação: a existencial, em que no período arcaico variam *ser* e *haver*; as com participio passado, em que *ser*, *estar*, *haver* e *ter* podem ocorrer; as atributivas descritivas e locativas, em que *ser* e *estar* variam e as atributivas possessivas em que *ser* (*ser + de*), *haver* e *ter* podem ocorrer.

Neste trabalho me concentrarei, apenas, na variação *ser/estar* nas atributivas descritivas e locativas e *ter/haver* nas possessivas.

Os objectivos são:

a. Verificar se em 1540 a oposição *ser/estar* já teria se definido, respectivamente, como «predicador de propriedades de individuais» e «predicador de propriedades de manifestações temporalmente limitadas de individuais»(1), ou seja, de maneira mais tradicional, se *ser* expressa atributos permanentes e *estar* transitórios, oposição que não estava estabelecida no período arcaico, uma vez que *ser* podia expressar os dois tipos de atributo.

b. Verificar se *haver* ainda ocupa a posição de predicado em estruturas sintácticas semanticamente possessivas ou se já *ter* o vencera nesse tipo de estrutura.

Essas questões tiveram sua origem na análise descritiva que fiz em texto longo do século XIV, provavelmente anterior a 1380, a versão portuguesa trecentista dos *Diálogos de São Gre-*

(1) MARIA HELENA M. MATEUS *et alii*, *Gramática da língua portuguesa. Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. 1.ª ed., Coimbra (Almedina), 1983, p. 138.

*gório*(1). Nesse documento, surpreendeu-me a altíssima frequência de *ser* em relação a *estar* (1648/238, respectivamente) e a desproporção no uso de *haver* e *ter* (803/119).

Estudiosos da história do português afirmam, em formulações gerais, a extensão de *ser* sobre *estar* e de *haver* sobre *ter* no período arcaico. Por exemplo: Leite de Vasconcelos(2), nas suas *Lições* de 1910-1911, diz:

«Do uso de *ser* (ou *seer*) por *estar* na língua arcaica há inúmeros exemplos; basta abrir ao acaso qualquer livro antigo».

«Na língua antiga *haver* emprega-se frequentemente na acepção de *ter*».

Recentemente, ao comentarem o *Testamento de Afonso II*, os autores do *Curso de história da língua portuguesa*(3) dizem:

«No português antigo, o verbo *seer* tinha um campo significativo mais vasto que hoje»

«O verbo *haver* funcionava como forma plena e com o significado etimológico de *possuir*».

Meus estudos sobre esses verbos, nas estruturas aqui focalizadas, no período arcaico(4) têm permitido – e também os de

(1) ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA, *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa (IN-CM), 1989, p. 521-548; 557-571; 587-603.

(2) J. LEITE DE VASCONCELOS, *Lições de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro (Livros de Portugal), 1959, p. 179.

(3) IVO CASTRO *et alii*, *Curso de história da língua portuguesa*. Vol. I. Lisboa (Universidade Aberta), 1991, p. 215 e 220.

(4) ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA, *Ser, estar, jazer, andar no português trecentista*. In: *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXIII, p. 32-47; IDEM, *Caminhos de mudanças sintáctico-semânticas no português arcaico*. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, vol. 1, p. 85-99; IDEM, *A variação haver/ter*. In: ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA (org), *A Carta de Caminha. Testemunho linguístico de 1500*. Salvador (EDUFBA/CNPq./UEFS/EGBa.), 1996, p. 181-194; IDEM, *Variação e mudança no português arcaico. Ter ou haver em estruturas de posse*. In: C. PEREIRA e P. PEREIRA (orgs.), *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in*

Maria do Socorro Sepúlveda Netto sobre *ser* e *estar*(1) – precisar o «campo significativo mais vasto» de *ser* sobre *estar* e o uso do «verbo *haver* com o significado etimológico de possuir». Evidenciaram os contextos favorecedores à difusão de *estar* sobre *ser* e de *ter* sobre *haver* nas estruturas aqui focalizadas e, conseqüentemente, o decréscimo nelas do uso de *ser* e de *haver*.

Aqui neste trabalho, recortados os mesmos contextos, verificarei o estado da questão em 1540.

Antes, porém, retomarei algumas das informações já reunidas a partir da análise de documentação dos séculos XIII, XIV e XV, divulgadas nos trabalhos acima referidos.

### 1.1. Sobre a difusão de *estar* sobre *ser* nas estruturas atributivas transitórias.

As estruturas em variação de que estou tratando, em que podem ocorrer *ser* ou *estar* no período arcaico, são do tipo:

#### a. Locativas transitórias

- (1) «*Dementre no mundo era*» (*Diálogos de São Gregório*, 2.1.4).
- (2) «*Cousas que derredor estavam*» (*ibidem*, 3.1.9).

#### b. Descritivas transitórias

- (3) «*Ca as donas que enton presentes foron, contaron-no aas outras*» (*Diálogos de São Gregório*, 4.11.27).
- (4) «*Fez sa oraçon estando el-rei presente*» (*ibidem*, 3.37.6).

memoriam Celso Cunha. Rio de Janeiro (Nova Fronteira), 1995, p. 299-311; IDEM, *Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver, ter no galego-português ducentista*. In: *Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, vol. 19, 1997, p. 253-285.

(1) MARIA DO SOCORRO SEPÚLVEDA NETTO, *Ser/estar: um estudo de variação e mudança em curso no português antigo*. Salvador (UFBA). Dissertação de Mestrado (inédita), 1989; IDEM, *Ser/estar em 1500*. In: ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA (org.), *A Carta de Caminha... (ob. cit.)*, p. 167-180.

Os trabalhos já realizados sobre essa variação, evidente mudança em curso no período arcaico, como veremos, indicam que a difusão de *estar* sobre o campo de *ser* avançou mais rapidamente nos contextos locativos que nos descritivos. Contudo, em ambos os contextos, o uso de *estar* se processava desde o século XIII, século em que o português passou a ser documentado pela escrita, tendo suplantado de longe o verbo *ser* nas locativas já no século XIV (cf. Tabela 1):

| séculos        | XIII |       | XIV |       | XV  |       |
|----------------|------|-------|-----|-------|-----|-------|
|                | ser  | estar | ser | estar | ser | estar |
| estruturas     |      |       |     |       |     |       |
| LOC. [+trans]  | 76%  | 24%   | 29% | 71%   | 26% | 74%   |
| DESC. [+trans] | 93%  | 7%    | 92% | 8%    | 78% | 22%   |

Tabela 1 (1)

Esses dados são indicadores de que a difusão ou transição pela estrutura do verbo inovador partiu das locativas para as descritivas. Permite ainda especular sobre o encaixamento da mudança: na sua história pregressa, *estar* tem como étimo *stare*, ‘estar de pé’, e, nessa acepção, está documentado no português até fins do século XIV, enquanto *ser* tem uma história complexa de convergência dos verbos latinos *sedēre*, ‘estar sentado’ – ainda em uso, nessa acepção, pelo menos até fins do século XIV – e *esse*, ‘ser’. Esse dado histórico-etimológico permite que se sugira que o traço /+transitório/ é próprio, desde sua origem, a *estar*, enquanto em *ser* confluem o /+transitório/ de *sedēre* e o /+permanente/ de *esse*.

Não é, portanto, sem razão histórico-diacrónica o uso de *ser* tanto expressando o atributo permanente como o transitório e, ao definir-se a oposição no português, ter sido *estar* o verbo seleccionado para expressar a “propriedade de individual temporalmente limitado”, ou seja a transitoriedade.

(1) Os dados da Tabela 1 foram exaustivamente quantificados na documentação do século XIII, referida na nota 2, p. 1-2, nos *Diálogos de São Gregório* (séc. XIV) e na *Crónica de D. Pedro de Fernão Lopes* (séc. XV).

## 1.2. Sobre a difusão de *ter* sobre *haver* nas estruturas possessivas

Na observação e análise do *corpus* longo do século XIV – *Diálogos de São Gregório*(1) –, verifiquei que a variação na selecção de *haver* e *ter* nas estruturas possessivas estava condicionada à natureza semântica do complemento do verbo, o chamado “objecto possuído”.

Recortei então três tipos semânticos para o complemento:

a. propriedades inerentes (PI), não transferíveis, tais como características ou estados físicos do possuidor, sujeito da frase.

Nesse *corpus* só ocorria aí o verbo *haver*, nunca *ter* (por exemplo: *haver barvas, ceguidade, cinquenta anos...*): 100% de *haver*;

b. propriedades adquiríveis imateriais (PAI): morais, espirituais, intelectuais, afectivas, sociais.

Nesse *corpus* já ocorre a variação *haver/ter* nesse contexto semântico (*aver/ter fé*) com marcante predominância de *haver* (*haver graça, poderio, poder, ira...*) sobre *ter*: 80% de *haver*.

c. propriedades adquiríveis materiais (PAM): objectos materiais, externos ao possuidor.

Nesse *corpus* ocorre a variação *haver/ter* nesse contexto semântico com já marcante predominância de *ter* sobre *haver*. São ocorrências tais como: *aver remedio / ter meezilhas; aver ovelhas / ter carneiro*: 20% de *haver*. Verificou-se assim que *ter* já predomina no tipo PAM, tinha frequência baixa no tipo PAI em relação a *haver* e não ocorre em PI.

Para testar se se fundamentaria essa hipótese de difusão da mudança de *haver* para *ter*, selecionei, como sondagem, três

(1) ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA, *A mais antiga versão portuguesa dos 'Quatro livros dos Diálogos de São Gregório'*. Edição crítica. Vol. 4. São Paulo (USP). Tese de doutoramento (inédita), 1971.

documentos, situáveis ao longo do século XV(1) e as informações encontradas são, em síntese, as seguintes:

– Na *Lenda do rei Rodrigo*, manuscrito de 1410-1420, cópia de manuscrito trecentista(2), na *Crónica de D. Pedro* de Fernão Lopes, texto escrito entre 1418-1442, manuscrito base da edição dos fins do século XV(3) e na *Imitação de Cristo*, manuscrito de 1468-1477(4), confirmou-se que a difusão de *ter* sobre *haver* partiu dos contextos de propriedade adquirível material (PAM) para os de propriedade adquirível imaterial (PAI) e atingiu por último o contexto de propriedade inalienável (PI).

– Na *Imitação de Cristo*, da segunda metade do século XV, verificou-se que *ter* já predominava sobre *haver* nos três contextos, enquanto na *Crónica de D. Pedro* de Fernão Lopes, da primeira metade daquele século, a variação ocorre nos três tipos, mas com predominância de *haver* sobre *ter*.

– Na *Lenda do rei Rodrigo* de 1410-1420, cópia de manuscrito trecentista, a situação é análoga aos *Diálogos de São Gregório*: não ocorre *haver* em PI, *haver* predomina em PAI, mas *ter* em PAM.

Voltei a novos dados, mais recentemente, considerando agora(5) documentação do século XIII e a *Carta* de Caminha de 1500(6) e, quantificados os dados, ratificou-se o que se encontrou nos dados dos séculos intermediários. Para o contexto do

(1) ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA, *Variação e mudança no português arcaico...* (ob. cit.).

(2) LUÍS FILIPE LINDLEY CINTRA, *A lenda do rei Rodrigo*. Lisboa (Verbo), 1964.

(3) G. MACCHI, *Crónica de D. Pedro de Fernão Lopes*. Roma (Ateneo), 1996.

(4) I. V. CEPEDA, *Linguagem da Imitação de Cristo*. Lisboa (Centro de Estudos Filológicos), 1962.

(5) ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA, *Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver...* (ob. cit.).

(6) IDEM, *A variação haver/ter...* (ob. cit.).

tipo posse inalienável (PI) só ocorre *haver* na documentação do século XIII e, na *Carta de Caminha*, na única ocorrência desse contexto, está o verbo *ter*. Para os contextos do tipo “propriedade adquirível material” (PAM) e “propriedade adquirida imaterial” (PAI) os dados são os da Tabela 2:

| séculos    | XIII  |     | 1500  |     |
|------------|-------|-----|-------|-----|
|            | haver | ter | haver | ter |
| estruturas |       |     |       |     |
| PAM        | 70%   | 30% | 11%   | 89% |
| PAI        | 85%   | 15% | 45%   | 55% |

Tabela 2 (1)

Já no século XIII, *ter* era mais usado em contextos do tipo PAM, mas já ocorria também nos do tipo PAI; ao findar o século XV, em 1500, tal como na *Imitação de Cristo*, de 1468-1477, *ter* é o verbo predominante nas estruturas possessivas. A queda de *haver* é clara, de 70% para 11% nas PAM e de 85% para 45% nas PAI. Quanto a PI, que não ocorria com *ter* nem no século XIII, nem no XIV, nem no início do XV, passa a ser usado com esse verbo ao longo do século XV, expandindo-se assim *ter* para todos os três tipos de posse. Esses dados permitem, também, especular sobre o encaixamento da mudança na sua história pregressa. Essa história sugere o curso da mudança. Segundo Gaffiot(2), a acepção primeira de *habēre*, em latim, é

(1) Os dados da Tabela 2 foram exaustivamente quantificados na documentação do século XIII e na *Carta de Pero Vaz de Caminha* de 1500. Não incluí nela os dados do séc. XIV (*Diálogos de São Gregório* - DSG) porque os percentuais foram quantificados considerando-se apenas os tipos PAM e PAI, enquanto nos do séc. XIII e de 1500 os percentuais estão sobre os três tipos. Também não incluí os dados dos três documentos do séc. XV, porque a pesquisa aí foi feita com objectivo de sondagem, antes da sistematização do Projecto, e se dirigiu para a identificação dos tipos semânticos do “objecto possuído”, partiu dos glossários e não de um levantamento nos textos, como ocorreu para a documentação do XIII, XIV e 1500.

(2) F. GAFFIOT, *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris (Hachette), 1934, s. v. *habēre*.

‘ter em sua posse’, ‘guardar’ e, subsequentemente, entre os usos figurados ‘ter na mão’; enquanto *ter*(1) tem como acepção básica ‘ter algo na mão’, ‘obter’, sendo que outras acepções secundárias são ‘manter’, ‘reter’, etc. Já havia portanto no latim a intersecção semântica entre *habēre/tenēre* na expressão da posse de algo material, concreto, ‘ter na mão’. Como vimos, na história documentada do português, é nessa acepção, desde o século XIII, que *ter* tem um uso significativo em variação com *haver* (30% / 70%, respectivamente, Tabela 2) e é a partir daí que desalojará *haver* como verbo de posse.

Depois dessa viagem diacrónica sobre *ser/estar* e *ter/haver* dos séculos XIII ao XV, passo aos dados de 1540.

## 2. 1540: a variação ser/estar e haver/ter

### 2.1. Observações gerais sobre os quatro verbos

Embora tenha analisado separadamente os textos que compõem a “obra pedagógica” de João de Barros – a *Gramática*, seguida da *Ortografia* (GLP), o *Diálogo em louvor da nossa linguagem* (DLNL) e o *Diálogo da viciosa vergonha* (DVV), a análise quantificada que segue considerará o conjunto na sua totalidade.

O total de ocorrências desses verbos na “obra pedagógica” se distribui como se pode ver na Tabela 3:

| verbos | N    | %    |
|--------|------|------|
| ser    | 682  | 56%  |
| estar  | 67   | 6%   |
| haver  | 115  | 9%   |
| ter    | 353  | 29%  |
| T      | 1217 | 100% |

Tabela 3

(1) F. GAFFIOT, *ibidem*, s. v. *tenēre*.

Comparando esses totais em 1540 com os totais já pesquisados em documentação do século XIII, em total de 1669 ocorrências desses verbos, tem-se, em percentuais:

| verbos<br>séculos | ser | estar | haver | ter | T    |
|-------------------|-----|-------|-------|-----|------|
| XIII              | 59% | 3%    | 30%   | 8%  | 100% |
| 1540              | 56% | 6%    | 9%    | 29% | 100% |

Tabela 4

Esta é uma informação sobre o decréscimo de *ser*, mas sobretudo o de *haver* e o aumento de *estar*, mas sobretudo o de *ter*.

Recortei para análise neste trabalho apenas as estruturas em variação referidas anteriormente. Na avaliação global apresentada na Tabela 3 estão consideradas todas as estruturas em que esses verbos ocorrem e são as seguintes:

**Ser:** existencial; seguido de particípio passado; voz passiva com agente; voz passiva sem agente; equativa; verbo intransitivo (etimológico); clivagem; seguido de gerúndio; atributo de posse (*ser + de*) e as que aqui analisarei: atributiva descritiva permanente (ADP); atributiva descritiva transitória (ADT); atributiva locativa transitória (ALT); atributiva locativa nocional permanente (ALNP); atributiva locativa nocional transitória (ALNT); atributiva locativa geográfica (ALG).

**Estar:** seguido de particípio passado; verbo intransitivo (etimológico); seguido de gerúndio e as que aqui analisarei: ADT, ALT, ALNT e ALG.

**Haver:** existencial; seguido de particípio passado; futuridade; obrigatoriedade; locuções idiomáticas e as que analisarei: posse adquirível imaterial (PAI); posse inalienável (PI).

**Ter:** existencial; seguido de particípio passado; futuridade; obrigatoriedade; locuções idiomáticas e as que aqui analisarei: PAM, PAI e PI.

O total dessas estruturas será analisado quando tiver levantado os dados do conjunto de textos que cobrirá o século XVI, antes referido, tal como já o fiz para o século XIII(1). Note-se na Tabela 4 a alta frequência de *ser*, que se deve não só a seu uso na expressão da transitoriedade, mas também às variadas possibilidades estruturais em que esse verbo pode ocorrer, quando comparadas às dos outros (15 para *ser*, 07 para *estar*, e 08 para *haver* como *ter*).

## 2.2. Ser/estar nas estruturas atributivas

No conjunto das estruturas em que *ser* e *estar* podem ocorrer, as atributivas, tanto permanentes como transitórias, preenchem ampla maioria, o que permite afirmar que *ser* e *estar* são verbos fundamentalmente desse tipo (cf. Tabela 5). As demais ocorrências se dispersam pelas outras estruturas. Considerando-se o uso de *ser* e *estar* nas atributivas, vê-se que *ser* predomina esmagadoramente nelas (Tabela 6).

| verbos          | T   | estruturas atributivas |     | verbos | estruturas atributivas |      |
|-----------------|-----|------------------------|-----|--------|------------------------|------|
|                 |     | N                      | %   |        | N                      | %    |
| ser             | 682 | 479                    | 70% | ser    | 479                    | 89%  |
| estar           | 67  | 58                     | 87% | estar  | 58                     | 11%  |
| <b>Tabela 5</b> |     |                        |     | T      | 537                    | 100% |

Tabela 6

(1) ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA, *Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver...* (ob. cit.).

Considerando-se *ser* e *estar* nos tipos semânticos de atributos documentados no *corpus* de 1540, tem-se os seguintes dados (Tabela 7 e 8):

| verbo<br>atributos | ser |      |
|--------------------|-----|------|
|                    | N   | %    |
| ADP                | 467 | 97%  |
| ADT                | 03  | 1%   |
| ALT                | 03  | 1%   |
| ALNP               | 06  | 1%   |
| ALNT               | 0   | 0    |
| T                  | 479 | 100% |

Tabela 7

| verbo<br>atributos | estar |      |
|--------------------|-------|------|
|                    | N     | %    |
| ADT                | 16    | 28%  |
| ALT                | 10    | 17%  |
| ALNT               | 32    | 55%  |
| T                  | 58    | 100% |

Tabela 8

### 2.2.1. A variação ser/estar nas atributivas transitórias

No conjunto das atributivas transitórias, que são as estruturas atributivas em que esses verbos estão em variação no período arcaico, é a seguinte a distribuição dos dois verbos nos dados de 1540 (Tabela 9):

| verbos | atributos transitórios |      |
|--------|------------------------|------|
|        | N                      | %    |
| ser    | 06                     | 9%   |
| estar  | 58                     | 91%  |
| T      | 64                     | 100% |

Tabela 9

Quanto aos tipos semânticos de atributos transitórios documentados no *corpus*, tem-se a seguinte distribuição (Tabela 10):

| atributos transitórios<br>verbos | DT |      | ALT |      | ALNT |      |
|----------------------------------|----|------|-----|------|------|------|
|                                  | N  | %    | N   | %    | N    | %    |
| ser                              | 03 | 16%  | 03  | 23%  | 0    | 0    |
| estar                            | 16 | 84%  | 10  | 77%  | 32   | 100% |
| T                                | 19 | 100% | 13  | 100% | 32   | 100% |

Tabela 10

Comparando-se os percentuais de *ser* e *estar* em estruturas de atributo transitório em 1540 com os dados do século XIII, verifica-se o avanço de *estar* sobre *ser* nessas estruturas (Tabela 11):

| séculos<br>verbos<br>atributos | XIII |       | 1540 |       |
|--------------------------------|------|-------|------|-------|
|                                | ser  | estar | ser  | estar |
| ADT                            | 93%  | 7%    | 16%  | 84%   |
| ALT                            | 81%  | 19%   | 23%  | 77%   |
| ALNT                           | 69%  | 31%   | 0    | 100%  |

Tabela 11

Os percentuais, pode-se dizer, se invertem do século XIII para 1540 no que se refere ao uso de *estar* em relação a *ser* nas estruturas de atributo transitório.

Quando se reúnem os dois tipos de atributos locativos transitórios dos dados de 1540 apresentados na Tabela 10, fica ainda mais definida a mudança, ou seja, a substituição de *ser* por *estar* na expressão dos atributos transitórios (cf. Tabela 12):

| atributos<br>verbos | ADT |      | ALT |      |
|---------------------|-----|------|-----|------|
|                     | N   | %    | N   | %    |
| ser                 | 03  | 16%  | 03  | 7%   |
| estar               | 16  | 84%  | 42  | 93%  |
| T                   | 19  | 100% | 45  | 100% |

Tabela 12

### 2.2.2. Sobre as ocorrências "conservadoras" de ser

A análise qualitativa das ocorrências "conservadoras" de *ser* em atributo transitório – total de seis – leva à reformulação dos dados antes quantificados.

Das seis ocorrências "conservadoras" de *ser*, três são de atributo descritivo e três de locativo. Nenhuma delas ocorreu na

*Gramática da língua portuguesa* (GLP); duas de descritivo estão no *Diálogo em louvor da nossa linguagem* (DLNL) e outra no *Diálogo da viciosa vergonha* (DVV); também nesse último texto estão as três ocorrências de locativo transitório.

São as seguintes as atestações do *ser* “conservador”: no *Diálogo em louvor da nossa linguagem*:

- (5) «*E a este módo trastocou Deos o intendimento de tantas nações como foram presentes ao sermám de Pedro*» (DLNL 396,3 (ADT)).
- (6) «*As plantas nóvas nam quérem logo o ferro ao pé; depois que sam duras e bem enramadas, entám lhe/s/ convém o podám, para ás desafogár*» (DLNL 408,6 (ADT)).

e no *Diálogo da viciosa vergonha*:

- (7) «*Que culpa tem os hómens nos defeitos da natureza pois nam foram em sua mam, cá, das cousas que nos vem per natureza, nem somos louvados nem vituperados?*» (DVV 424,11 (ALT)).
- (8) «*Peró, tanto que o imigo era na praça... aquela fúria de liám... se convertia en mansidam de cordeiro*» (DVV 45,13 (ALT)).
- (9) «*“Serám estas palayras em vósso coraçám em todolos dias de vósso vida”*» (DVV 437,14 (ALT)).
- (10) «*“Senhor, ouvi a tua voz e escondi-me, porque era nu”*» (DVV 416,9 (ADT)).

As ocorrências (9) e (10) são citações de textos bíblicos. A primeira do *Deuteronomio* e a segunda do *Génesis*, identificadas e aspeadas na leitura crítica pela autora da edição.

Muito provavelmente João de Barros teria feito a citação por versões mais antigas da Bíblia, texto traduzido, copiado e recopiado em todo o período arcaico. Se essa interpretação for correcta, as ocorrências conservadoras se reduzem a quatro, duas de atributo descritivo e duas de locativo o que levará a uma reformulação dos dados das Tabelas 12 e 13, descendo

para 5% os ALT com *ser* e para 11% os ADT com esse verbo (Tabela 12a):

| atributos verbos | ADT |      | ALT |      |
|------------------|-----|------|-----|------|
|                  | N   | %    | N   | %    |
| ser              | 02  | 11%  | 02  | 5%   |
| estar            | 16  | 89%  | 42  | 95%  |
| T                | 18  | 100% | 44  | 100% |

Tabela 12a

Confrontando-se os dados seriados dos séculos XIII, XIV e XV da Tabela 1 com os dados da Tabela 12a, tem-se a sequência diacrónica da difusão de *estar* sobre *ser* e a confirmação de que nesse processo de mudança os locativos transitórios foram à frente dos descritivos transitórios: cf. Tabela 13, em que se vê a queda de 76% para 5% nas ocorrências de *ser*, do século XIII para 1540, nas locativas e de 93% para 11%, no mesmo período histórico, nas descritivas.

| séculos       | XIII |       | XIV |       | XV  |       | 1540 |       |
|---------------|------|-------|-----|-------|-----|-------|------|-------|
|               | ser  | estar | ser | estar | ser | estar | ser  | estar |
| loc/+trans./  | 76%  | 24%   | 29% | 71%   | 26% | 74%   | 5%   | 95%   |
| desc/+trans./ | 93%  | 7%    | 92% | 8%    | 78% | 22%   | 11%  | 89%   |

Tabela 13

Dessa forma, os dados da “obra pedagógica” de João de Barros fundamentam a interpretação de que as quatro ocorrências “conservadoras” de *ser* com atributos transitórios descritivos e locativos sobre as 58 de *estar* – 6% e 94%, reunidos descritivos e locativos – serão resíduos do uso antigo; ponto de vista que considero confirmado pelo facto de que na *Gramática da língua portuguesa*, seguida da *Ortografia* (GLP), o pedagogo normativista só usa a forma inovadora, deixando

esgueirar-se as quatro “ocorrências conservadoras” nos dois *Diálogos* (DLNL e DVV).

Diante desses dados, pode-se afirmar que o uso, vamos dizer, “monitorado” de João de Barros indica que a oposição semântica entre *ser*, como «predicador de propriedades de individuais», e *estar*, como «predicador de propriedades de manifestações temporalmente limitadas de individuais» já se estabeleceu.

Para confirmar essa afirmativa e generalizá-la para os meados do século XVI, considerando-o como limite final da mudança estudada, pretendo, de acordo com o projecto planejado, analisar o João de Barros narrador-historiador das *Décadas* e as *Cartas*, a ele contemporâneas, de D. João III e dos familiares desse rei.

### 2.3. Haver/ter nas estruturas de posse

#### 2.3.1. Retomando os dados gerais sobre ser, estar, haver, ter

Como se vê na Tabela 3, no *corpus* analisado, considerando-se o conjunto dos quatro verbos focalizados, *haver* ocupa 9% das ocorrências e *ter* 29%. Na Tabela 4, no confronto com dados análogos do século XIII, verifica-se que, de 30%, *haver* passa a 9% e, inversamente, *ter*, de 8% passa a 29%. Esses dados se referem a todas as estruturas em que esses verbos podem ocorrer.

Aqui examinarei apenas *haver/ter* nas estruturas de posse.

#### 2.3.2. A variação *haver/ter* nas estruturas possessivas

Como explicitado em 1.2., os dados dos *Diálogos de São Gregório*, versão trecentista(1), que me despertaram para a variação e mudança aqui focalizada, indicaram que se deveriam definir três tipos semânticos referentes ao chamado “objecto possuído” para dar conta da expansão de *ter* sobre o campo de

(1) Cf. ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA, *Estruturas trecentistas...* (ob. cit.).

*haver* nas estruturas possessivas, já descritas no item referido: propriedade adquirível material (PAM); propriedade adquirível imaterial (PAI) e propriedade inalienável ou inerente (PI).

Esse documento do século XIV e a documentação considerada do século XV indicaram que a difusão da mudança teria partido do tipo PAM para atingir os outros tipos.

A análise quantificada do *corpus* de 1540 apresenta o estado da questão em foco nesse momento da história do português.

No total das estruturas em que *haver* e *ter* ocorrem no *corpus*, as possessivas se apresentam assim distribuídas:

| verbos | T   | estruturas possessivas |     |
|--------|-----|------------------------|-----|
|        |     | N                      | %   |
| haver  | 115 | 18                     | 16% |
| ter    | 353 | 338                    | 96% |

Tabela 14

Nesse *corpus* de 1540 o verbo de posse já é basicamente *ter* com 96% das ocorrências; as ocorrências majoritárias de *haver* vão se concentrar na estrutura existencial (39%; 45/115) (nele, *haver* já não varia com *ser*, existencial, como ocorre nos dados dos séculos anteriores) e na expressão do futuro (37%; 42/115).

Levando-se em conta agora apenas a distribuição de *haver* e *ter* no total das estruturas em foco, têm-se os dados da Tabela 15, que, se comparados aos da 15a, mostram a queda de *haver* e o avanço de *ter* nessas estruturas.

| verbos | estruturas de posse (1540) |      | verbos | estruturas de posse (sec. XIII) |      |
|--------|----------------------------|------|--------|---------------------------------|------|
|        | N                          | %    |        | N                               | %    |
| haver  | 18                         | 5%   | haver  | 345                             | 78%  |
| ter    | 338                        | 95%  | ter    | 98                              | 22%  |
| T      | 356                        | 100% | T      | 443                             | 100% |

Tabela 15

Tabela 15a

Assim, nesse arco de tempo, *haver* como verbo de posse passa de 78% para 5%, enquanto *ter* de 22% passa a 95%.

Enquanto no séc. XIII era *haver* o verbo de posse, *ter* passa a essa posição em 1540, o que confirma as informações reunidas nas sondagens feitas sobre a documentação do séc. XV (cf. item 1.2.), em que, por exemplo, na *Imitação de Cristo* da segunda metade do século XV, *ter* já era o verbo dominante nos três tipos de posse.

A análise dos tipos semânticos de posse considerados, os dados de 1540 mostram a seguinte distribuição percentual das 18 ocorrências de *haver* e das 338 de *ter* nas estruturas possessivas:

| estruturas possessivas<br>verbos | PAM |      | PAI |      | PI |      |
|----------------------------------|-----|------|-----|------|----|------|
|                                  | N   | %    | N   | %    | N  | %    |
| haver                            | 02  | 14%  | 16  | 5%   | 0  | 0    |
| ter                              | 12  | 86%  | 317 | 95%  | 09 | 100% |
| T                                | 14  | 100% | 333 | 100% | 09 | 100% |

Tabela 16

Se comparados aos dados quantificados do século XIII (Tabela 16a), vê-se que na documentação ducentista *ter* já tinha expressiva frequência em PAM, baixa em PAI e não ocorria em PI; os dados quinhentistas mostram a frequência muito baixa de *haver* em PAM e PAI e sua ausência em PI (14%, 5% e 0)(1). Esperar-se-ia que, em PAM, *haver* tivesse a frequência mais baixa, já que foi por esse tipo de posse que se iniciou a

(1) Os "objectos possuídos" no tipo PAM na obra analisada são: *dama, fazenda, peças, pionaagem, dinheiro, cartipácios, negócios, artilharia, gumes*; no tipo PI: *rostos, filha, voz, vida, filhos, oitenta anos*. No tipo PAI foram cerca de 120 nas suas 333 ocorrências, tais como, por exemplo: *valia, leteras, figura, açidentes, cantidade, vocábulos, comercio, calidade, diferenças, nome, vergonha, eficacia, virtude, confiança, culpa, etc.*

mudança, como vimos nos dados do século XIII e também nos dados dos *Diálogos de São Gregório* do séc. XIV.

| estruturas possessivas<br>verbos | PAM | PAI | PI   |
|----------------------------------|-----|-----|------|
| haver                            | 70% | 85% | 100% |
| ter                              | 30% | 15% | 0    |

Tabela 16a

Por que então, quando já ocorre *haver* em PI, ainda há 02 ocorrências, responsáveis pelos 14% de *haver* em PAM e 16 ocorrências de *haver* em PAI (Tabela 16)?

### 2.3.3. Sobre as ocorrências "conservadoras" de *haver*

A análise qualitativa dessas dezoito ocorrências "conservadoras" de *haver* nessas estruturas pode dar algumas pistas para o uso, em 1540, de *haver* em PAM e em PAI e permitirá reformular os dados da Tabela 16.

As duas ocorrências "conservadoras" de *haver* em PAM são as seguintes, numa mesma sequência textual:

(11) e (12) «... *vós haveis çem mil reaes e a moça nóveçentos, porque éla /h/á-de /ha/aver aquilo que vós quereis da fazenda do testador...*» (GLP 364, 11-13)

Estão na *Gramática da língua portuguesa*, ao narrar João de Barros, como exemplo, uma história de um testamento de um homem para sua filha, em que reproduz em discurso directo o diálogo entre um juiz e o herdeiro: (11) e (12) estão na fala do juiz.

Pode-se assim admitir que, nesse contexto, os únicos em que *haver* ocorre no tipo PAM, João de Barros esteja a reproduzir características de um discurso que não é o seu e que poderá ser uma caracterização da maneira de falar de um mais velho e juiz, na discussão de um testamento. Como sabemos, a lingua-

gem jurídica costuma ser de natureza arcaizante. Com esse argumento sociolinguístico, creio que se poderá considerar a possibilidade de excluir as duas ocorrências “conservadoras” de *haver* no tipo PAM.

Das dezasseis de PAI, seis estão na GLP, uma no DLNL e as outras nove no DVV.

Quatro das seis da GLP ocorrem em um contexto metalinguístico em que o gramático explica que, com o verbo *haver*, se podem suprir verbos que a língua latina tem e a portuguesa não.

- (13) «*Temos mais este verbo /h/ei, /h/ás que é de género diverso polo officio que tem. Quando se ajunta com nome soprimos muitos verbos da língua latina que a nósna nam tem: /h/ei vergonha, /h/ei/medo, /hei fome, /h/ei frio e outros muitos que tem quando o ajuntamos a nomes substantivos desta calidade*» (GLP 327,19-328,2).

Outra ocorrência na *Gramática* está também em contexto metalinguístico, ao exemplificar verbos que regem genitivo ou ablativo:

- (14) «*...E assi outros verbos ao exemplo destes; /h/ei piedade de ti e tenho vergonha da mentira e tristeza do pecádo*» (GLP 353,3-5).

Note-se a contradição entre o que teoriza em (13) e o exemplo coerente em (14) - *hei piedade* - mas logo seguido do *tenho vergonha*, que, segundo sua teoria, explicitamente deveria ser *hei vergonha*. Julgo que essas ocorrências metalinguísticas podem ser excluídas, porque não parecem corresponder ao uso efectivo de João de Barros, como se verifica no próprio exemplo (14).

Excluir-se-iam assim com esse argumento, cinco ocorrências “conservadoras” de PAI.

O contexto *hei vergonha* vai cobrir, além daquele de (13), mais seis das ocorrências no *Diálogo da viciosa vergonha*

(DVV 418,8; 420,19; 420,22; 420,2; 457,15-16; 459,7), em que o autor segue a sua formulação teórica expressa em (13).

Três deles, julgo poderem ser excluídos. São assim constituídos: dois de uma glosa à citação bíblica, do evangelista Lucas, que vem em seguida. Poderão ser excluídos com o argumento de serem reflexos da linguagem arcaizante da Bíblia. É a seguinte a passagem focalizada:

- (15) «*E aquele que /h/á vergonha do mal que fez, virá a ter liberdade da vida, mas o que /h/a vergonha de fazer bem, este cái do estado da virtude e vai ter a condenaçam, como diz o Redentor: “Aquele que /h/á vergonha de mi, /h/á dos meus sermões”*» (DVV 420,21-25).

A propósito ainda da selecção de *haver/ter* seguidos de *vergonha* procurei verificar se ocorriam no *corpus* outras atestações de *vergonha* com o verbo inovador, ou seja, *ter*; encontrei pelo menos mais três ocorrências de *ter vergonha*, uma na *Gramática da língua portuguesa* e duas no *Diálogo da viciosa vergonha*.

Assim, apesar de sua teorização prever *haver vergonha*, ele usa também *ter vergonha* pelo menos duas vezes na própria *Gramática* e mais duas no *Diálogo* referido.

Acceptando-se as exclusões sugeridas, por serem cinco de natureza metalinguística e três reflexo do texto bíblico, restam, além das três de *haver vergonha* não excluídas, cinco outras.

Passo ao seu exame:

– Há duas ocorrências com *haver a bênçam*:

- (16) «*Hájas tu a bênçam de Deos e a minha*» (DLNL 393,9).  
 (17) «*Hájas tu a sua bênçam e a minha*» (DVV 414,4).

*Haver a bênçam*, que não varia no *corpus* com *ter a bênçam*, parece ter carácter de uma expressão idiomática arcaizante e ocorreu, nos dois casos, em situação em que o pai (João de

Barros) abençoa o filho (António), com quem está dialogando. Por sugerirem uma fossilização idiomática, poderiam ser excluídas também das ocorrências “conservadoras”.

– As três restantes de PAI são:

(18) «*E estas meas vogaes l, m, r, se chamam líquidas e houveram este nome acerca dos latinos*» (GLP 371,7).

(19) «*Que os çegos a nam tenham, ainda que ouçam cousas de que se possa haver*» (DVV 427,1-2).

(20) «*(...) posto que eles ham esta regra por çerta*» (DVV 451,21).

logo seguida de:

(21) «*(...) outra regra tem eles por çerta*» (DVV 452,3).

O uso de *ter regra* ainda vai aparecer mais quatro vezes (GLP, DLNL, DVV); *ter cousas* vai ocorrer duas vezes (GLP, DVV) e *ter nome*, quatro vezes (GLP). Assim as ocorrências de *ter* seguido de *regra*, *cousa*, *nome* são mais frequentes com *ter*, já que só uma vez com o verbo “conservador”.

Julgo então, depois dessas considerações, poder admitir que das 16 ocorrências “conservadoras” de *haver* no tipo PAI, dez poderiam ser excluídas pelas razões apresentadas e as seis restantes seriam resíduos do uso antigo, já que em todos os casos – *haver vergonha* (03 ocorrências), *haver nome* (01), *haver cousa* (01), *haver regra* (01) – também está documentado o uso inovador com *ter*.

Diante dessas interpretações, os dados apresentados na Tabela 16 passam a:

| estruturas possessivas<br>verbos | PAM |      | PAI |      | PI |      |
|----------------------------------|-----|------|-----|------|----|------|
|                                  | N   | %    | N   | %    | N  | %    |
| haver                            | 0   | 0    | 06  | 2%   | 0  | 0    |
| ter                              | 12  | 100% | 317 | 98%  | 09 | 100% |
| T                                | 12  | 100% | 323 | 100% | 09 | 100% |

Tabela 17

Confrontando-se com a Tabela 2, vê-se o percurso da mudança de *haver* para *ter* nas estruturas de posse (cf. Tabela 18):

| séculos<br>verbos<br>estruturas | XIII  |     | 1500  |      | 1540  |      |
|---------------------------------|-------|-----|-------|------|-------|------|
|                                 | haver | ter | haver | ter  | haver | ter  |
| PAM                             | 70%   | 30% | 11%   | 89%  | 0     | 100% |
| PAI                             | 85%   | 15% | 45%   | 55%  | 2%    | 8%   |
| PI                              | 100%  | 0   | 0     | 100% | 0     | 100% |

Tabela 18

Pode-se assim afirmar que nesse *corpus* de 1540 o verbo *ter* era o verbo de posse, remanescendo raros casos residuais de *haver* em PAI. Para generalizar essa afirmativa para os meados do século XVI, pretendo verificar a documentação contemporânea à “obra pedagógica” já seleccionada e antes referida.

Os dados de 1500 e de 1540, entretanto, desconfirmariam a hipótese levantada no documento do século XIV, confirmada nos do século XIII e reforçada pelos do século XV, de que o contexto PI seria o último a ser atingido. Contudo os 2% de *haver* em PAI estão documentados sobre um universo de 323 ocorrências dessa estrutura, enquanto o percentual em PAM e PI está sobre o total de 12 e 09, respectivamente. Julgo, por isso, que os 2% em 1540 não invalidarão o percurso da difusão da mudança; no entanto, isso requer ainda mais investigação sobre documentação quatrocentista, o que está na pauta da pesquisa de que aqui apresentei resultados parciais.

### 3. Conclusão

A análise da “obra pedagógica” de João de Barros, de 1540, permite responder aos objectivos deste trabalho, enunciados em 1.:

a. já está, no *corpus* estudado, definida a oposição *ser/estar*, respectivamente, como «predicador de propriedades de

individuais» e como «predicador de propriedades de manifestações temporalmente limitadas de individuais», com quatro ocorrências residuais de *ser* no uso conservador.

b. também está definido o uso de *ter* como predicador de posse, em detrimento de *haver*, que aí aparece em seis ocorrências residuais do uso conservador nas estruturas do tipo PAI.

Diante desses dados, pode-se afirmar que, no aspecto do português aqui focalizado, a “obra pedagógica” de João de Barros já pode ser considerada um documento representativo do período moderno ou clássico e não mais do arcaico.

Salvador - Brasil

ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA

#### RÉSUMÉ

Dans cet article, nous analysons dans l'oeuvre pédagogique de João de Barros - 1540 - l'usage variable des verbes *ser/estar* en prédicats sémantiquement transitoires et des verbes *haver/ter* en prédicats possessifs, variation usuelle dans le portugais archaïque - XIII<sup>e</sup>, XIV<sup>e</sup> et XV<sup>e</sup> siècles - dans le but d'évaluer l'usage du premier grammairien prescriptiviste de la langue portugaise.

#### ABSTRACT

This article analyses the variable usage of the verbs *ser/estar* in transitory predicates and of the verbs *haver/ter* in possessive predicates observable in João de Barros' pedagogical works (1540). Common in archaic Portuguese, as data from the 13th, 14th and 15th centuries demonstrate, the goal is to assess to what extent this type of variation can be found in the mark of the first prescriptive grammarian of the Portuguese language.